

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAAT  
LETRAS**

**GIOVANNA PATRÍCIO QUEIROLO**

**COMO A PONTUAÇÃO INTERFERE NO CAMPO SEMÂNTICO**

**ATIBAIA  
2020**

**GIOVANNA PATRÍCIO QUEIROLO**

**COMO A PONTUAÇÃO INTERFERE NO CAMPO SEMÂNTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para obtenção de grau de Licenciado em Letras pelo Centro Universitário Unifaat, sob orientação da professora M.s. Cleidil do Carmo Gazaffi.

**ATIBAIA**

**2020**

## FOLHA DE APROVAÇÃO

### CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

**Termo de aprovação**  
**GIOVANNA PATRÍCIO QUEIROLO**

**Título: Como a Pontuação interfere no Campo Semântico**

Trabalho apresentado ao Curso de Graduação em Letras, para a apreciação da professora orientadora M.s. Cleidil do Carmo Gazaffi, que após sua análise considerou o trabalho \_\_\_\_\_, com conceito\_\_\_\_\_.

Atibaia, \_\_\_\_\_ de dezembro de 2020.

---

Profª M.s. Cleidil do Carmo Gazaffi.

A meus pais, Adriana e João, que, desde o começo da graduação, respeitaram minhas escolhas e me aconselharam nos momentos indecisos; a meu companheiro, Jonathan Carvalho, que me inspira e me incentiva a continuar com aquilo que eu acredito. Não existe bem maior do que o apoio de quem se ama.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço imensamente à professora Cleidil Gazaffi, que, mesmo antes da definição oficial dos orientadores, já me aconselhava e incentivava a seguir com a pesquisa e que, depois, embora tenha passado por momentos difíceis em sua vida, sempre esteve presente e me ajudou de maneira valiosa. Eu não tenho palavras suficientes para agradecer.

A todo o corpo docente e de funcionários da escola Orlando Júlio Guimarães, que me acolheu durante um ano e depositou tamanha confiança em mim, de modo que eu pudesse ganhar experiência em sala e, principalmente, na secretaria da escola. Lá, eu pude enxergar a realidade da educação pública e ser aconselhada por pessoas iluminadas, como a diretora Valéria Machado e o diretor Aliandro Molina; minha querida Rosângela Soares; meu amigo Lucimar Leandro e todos os professores, em especial, Judite Junho, de Língua Portuguesa, que, além de tudo, cedeu as redações para as análises da presente monografia.

A minha família: meus pais, por todo o ensinamento além da graduação e direcionamento que souberam dar, a partir dos meus próprios sonhos; e meu namorado, que esteve inteiramente presente e iluminou a minha perspectiva, mesmo em meio às dificuldades.

## RESUMO

O objetivo geral da presente monografia é expor a forma como a pontuação pode alterar o campo semântico de um texto escrito. Para isso, foram analisadas duas redações de alunos do 9º ano de uma escola municipal do centro de Piracaia. Nelas, os equívocos cometidos na escrita resultaram em sentidos diferentes às intenções dos autores, pois permitiram formas imprecisas ou diferentes de interpretação. As análises se restringiram à pontuação, por isso, cada detalhe foi comentado e sugerido a fim de que a mensagem fosse transmitida com precisão e o receptor pudesse captá-la efetivamente. Além disso, por meio das produções, foi possível perceber que a forma como é estruturado um texto afeta diretamente na forma como o leitor receberá o conteúdo e, por isso, a escrita deve ser cuidadosa, a fim de que a intencionalidade autoral seja mantida e suas ideias sejam expostas com clareza, afinal, é a partir do posicionamento crítico que a cidadania ativa é consolidada; finalidade que deve ser a prioridade da instituição educacional.

**Palavras-chave:** Pontuação. Redação. Oralidade. Semântica.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>1 O TEXTO.....</b>	<b>10</b>
<b>1.1 A elaboração do texto escrito.....</b>	<b>11</b>
<b>1.2 Correção e revisão textuais .....</b>	<b>12</b>
<b>2 A PONTUAÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2.1 Afinal, o que é pontuação? .....</b>	<b>15</b>
<b>2.2 A BNCC e a Pontuação.....</b>	<b>18</b>
<b>2.3 A Vírgula .....</b>	<b>19</b>
<b>2.3.1 Quando vírgula sempre é usada .....</b>	<b>20</b>
<b>2.3.2 Quando a vírgula nunca é usada.....</b>	<b>21</b>
<b>2.3.3 Quando o uso é facultativo .....</b>	<b>21</b>
<b>3 ANÁLISES .....</b>	<b>23</b>
<b>3.1 Redação 01.....</b>	<b>23</b>
<b>3.1.1 Análise da Pontuação.....</b>	<b>24</b>
<b>3.1.2 Redação corrigida .....</b>	<b>26</b>
<b>3.2 Redação 02.....</b>	<b>26</b>
<b>3.2.1 Análise da Pontuação.....</b>	<b>27</b>
<b>3.2.2 Redação corrigida .....</b>	<b>33</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>37</b>

## INTRODUÇÃO

A pontuação é um dos aspectos que mais gera dificuldade na elaboração de uma redação. Os sinais são os responsáveis por guiar o leitor em sua recepção do texto. Eles indicam pausas, perguntas e emoções, bem como marcam as referências a termos anteriores. É por meio deles, então, que é possível identificar o que é complemento, o que é vocativo e o que é sujeito, qual termo está fora de ordem etc. Por isso, a pontuação afeta diretamente o sentido. Além disso, por ser o aspecto condutor das marcas naturais da oralidade, há muita complexidade em entender o que é exclusividade da fala individual, mas não condiz com a norma culta da língua portuguesa e acarretará na interpretação de quem tiver contato com o material.

Diante da dificuldade em pontuar, surge uma falha na comunicação e na exposição de ideias. No contexto escolar brasileiro, muitos alunos não conseguem expor seu posicionamento devido à complexidade que encontram em elaborar suas redações. Assim, na maioria dos casos, as marcas orais subjetivas são trazidas aos textos. O problema, contudo, não é a maneira de falar variável (ela, inclusive, deve ser respeitada e mantida em sua originalidade, pois é cultural), mas o fato de que nem todos os receptores estão em contato com aquela forma de expressão, logo, não entenderão o que o estudante quis dizer. Então, a fim de permitir plena interpretação da intencionalidade do escritor num contexto geral, a pontuação deve ser bem utilizada, pois ela é uma das principais permissoras do sentido real do texto.

Em vista do problema, esta monografia tem como objetivo expor a recorrência do mau uso da pontuação no cenário nacional, através de redações de alunos da rede pública. Por meio dos exemplos reais, que foram cedidos pela professora de Língua Portuguesa da escola, é possível perceber como os equívocos interferem no sentido dos textos. Enfim, sob a perspectiva de aproximação entre escritores e leitores, de modo com que a mensagem seja transmitida com efetividade e bem compreendida, a finalidade é detalhar os motivos pelos quais a pontuação deve ser bem utilizada, apresentar as falhas nas redações dos estudantes e como elas interferiram no sentido de seus textos, além de sugerir as alterações condizentes às intenções dos autores.

O texto é o instrumento da comunicação. Ele pode ser não verbal ou verbal. Ao adotar a linguagem verbal, ela se divide em oral ou escrita e cada qual tem suas peculiaridades. A fala é instantânea e acompanhada de elementos que auxiliam na



transmissão do conteúdo, como os gestos, expressões e tom de voz. Quando a mensagem é redigida, porém, outras formas devem ser adotadas a fim de suprir a carência da simultaneidade. É necessário que o discurso seja mais detalhado para que haja a plena compreensão do receptor. Assim, o trabalho escrito é mais complexo e, por isso, demanda regras que permitem que qualquer leitor possa entender as ideias do autor. Por isso, o uso adequado de elementos como a pontuação é essencial, pois, embora a oralidade, em alguns contextos, não exija formalidade, a escrita necessita de atenção à padronização, pois pode contar com mais de um receptor, que terá contato com o conteúdo em um momento distinto ao de sua elaboração.

Ao redigir um texto, o autor primeiro o imagina em sua forma oral. Para transcrever os elementos da fala, então, utiliza recursos gráficos e o principal deles é a pontuação. É ela quem dá “movimento” e faz as devidas referências no decorrer da escrita. Contudo, para que o leitor entenda com precisão a intenção do escritor, é necessário que o uso dos sinais seja coerente. É por isso que existem regras gramaticais, assim, a língua é submetida a uma padronização que auxilia a uma interpretação fiel às ideias do autor. Entretanto, nenhuma norma é inata ao homem, logo, estudo e treino são os meios pelos quais a aplicação adequada dos sinais de pontuação pode ser adquirida pelo redator; caso contrário, o sentido do texto pode ser modificado. A vírgula, por exemplo, é um dos sinais que mais gera dúvida aos estudantes, pois seu uso é variável e repleto de exceções que podem confundir os alunos. Por isso, o exercício de redação em escolas é imprescindível, além de explicação contextualizada do motivo do uso da pontuação, como defende a BNCC.

Para comprovar a dificuldade de pontuar dos estudantes, foram analisados dois textos. São redações de alunos de uma sala de 9º ano de uma escola municipal, localizada na região central da cidade de Piracaia. Elas foram escolhidas justamente pela forma como o mau uso dos sinais gráficos desencadearam alterações no sentido original ou causaram ambiguidade interpretativa. Cada aspecto foi detalhado e as devidas alterações foram sugeridas, a fim de que os textos fossem condizentes às ideias de seus autores.

A partir das análises, foi concluído que a pontuação realmente pode alterar o sentido do texto e que esse fato gera graves problemas. É de suma importância que os jovens aprendam a se posicionar para que possam exercer a cidadania ativa, bem como expandir suas ideias para além do meio no qual vivem. Portanto, seus

posicionamentos devem ser bem definidos, de acordo com seus ideais, para que possam ser compreendidos pela sociedade. O professor não deve impor qual é a opinião correta, mas é ele quem irá instruir o aluno a expressar sua forma de enxergar o mundo, lutar por seus direitos e se posicionar criticamente para defender os ideais condizentes à sua realidade. Além disso, toda forma de expressão exige respeito, logo, é necessário que o corpo docente aceite as variedades linguísticas as quais terá contato durante a sua vida profissional. Então, ao ensinar sobre norma culta, a apresentação do conteúdo deve ser feita para integrar uma nova forma de comunicação aos jovens, mas não alterar suas marcas culturais. Só assim a aprendizagem pode ser efetivada, pois sua adequação à realidade inserida é o que permite a compreensão dos motivos pelos quais tais normas são tão importantes.

## 1 O TEXTO

O texto é o meio pelo qual a comunicação é efetivada. Segundo Costa (2006, p. 3), “pode-se definir texto ou discurso como ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal”. Isso significa que a materialização da mensagem (o texto) pode ser oral ou escrita, de modo que atinja seu receptor.

Para obter sucesso na comunicação, o texto deve ser claro e bem organizado. Para tanto, é necessário que atenda às demandas da textualidade através de uma organização lógica de ideias, por meio de recursos linguísticos condizentes à intenção do autor.

“Chama-se *textualidade* ao conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto, e não apenas uma sequência de frases.” (COSTA, 2006, p. 5). Essas características, por sua vez, dividem-se em conceitos de continuidade, progressão, não-contradição e articulação. Todos esses fatores dependem de elementos de coesão, que, em resumo, são os pronomes e as conjunções. Para dispor desses recursos, porém, o uso correto da pontuação é indispensável, pois pode afetar diretamente no sentido do texto.

O objetivo do texto é permitir a plena comunicação. Para tanto, as ideias do interlocutor devem ser organizadas de maneira clara, de modo que o receptor possa entendê-las sem ambiguidade ou dúvidas. Por isso, trata-se de um exercício em conjunto: uma elaboração voltada ao contexto e uma interpretação bem executada.

Segundo Therezo (2008), para garantir sentido ao texto, bem como uma boa interpretação ao leitor, sua organização deve condizer com a unidade significativa global por meio da textualidade trabalhada com os aspectos pragmáticos (não lineares) e os linguísticos, que se referem à disposição de palavras, estrutura criada, pontuação etc. (lineares).

O processo de produção textual, portanto, deve ser trabalhado em vista da interpretação que seu ouvinte ou leitor poderá dar. Embora a construção de sentidos ocorra em conjunto, a preocupação do interlocutor é maior, pois para que suas ideias sejam compreendidas, sua enunciação deve ser minuciosa e precisa; caso contrário, de nada valerá o esforço, e a comunicação não será efetivada.

Não existe uma fórmula fixa para a elaboração textual – mesmo porque, cada estrutura obedece a um contexto diferente. Contudo, de maneira geral, a estrutura

“nasce” da oralidade. O exercício do autor, ao expor sua mensagem, é de, num primeiro momento, pensar em como a diria, de acordo com as marcas linguísticas que lhe acompanham em sua história e contexto, bem como vícios de linguagem, entoações, ritmo etc. Ao exteriorizar, porém, precisa adaptar essas marcas ao contexto do(s) destinatário(s), trabalho que envolve a estruturação, revisão e reflexão.

Para um texto oral, a flexibilidade é maior, pois elementos como pausas, melodias e entoação auxiliam na construção de sentidos. Muitas vezes, as próprias marcas linguísticas podem ser bem compreendidas, quando expostas de maneira contextualizada e com o auxílio da colocação condizente da voz naquele momento. Além disso, a atividade comunicacional, nesse caso, é simultânea, logo, se há pouca ou nenhuma compreensão dos receptores, o interlocutor pode corrigir suas falhas naquele momento – atividade complexa, mas de maior possibilidade quando as duas partes se encontram presentes.

Em oposição à oralidade, a escrita é a forma comunicacional que permite com que interlocutores se conectem de locais e momentos distintos. Assim, é necessário que ela seja mais detalhada, minuciosa e descritiva, pois quem recebe não tem contato com a experiência simultânea de quem elabora. Por isso, o cuidado deve ser redobrado, já que a escrita só permite a aproximação global quando bem executada e adaptada; caso contrário, o efeito oposto pode acontecer: o afastamento entre pessoas, culturas, povos etc. A escrita “(...) permeia hoje quase todas as práticas sociais dos povos em que penetrou”. (MARCUSCHI, 2010, p. 19), logo, é o alicerce da globalização, por isso a importância da preocupação semântica e estrutural, em vista da compreensão do conteúdo.

### **1.1 A elaboração do texto escrito**

Ao assumir a ideia de que a oralidade antecede a escrita, quando um texto é elaborado, ele é, primeiramente, pensado da maneira como seria falado (bem como entoado, gesticulado, ritmado etc.). Ao transcrever, porém, sob a necessidade de manter os argumentos fieis às ideias, sem contradições e ambiguidade, é necessário elaborar uma retextualização. Por exemplo, ao imaginar as marcas pausais e melódicas que seriam usadas na oralidade, é feita a disposição da pontuação, que, posteriormente, será ainda mais lapidada para obedecer às normas sintáticas.

*A retextualização (...) não é um processo mecânico, já que a passagem da fala para a escrita não se dá naturalmente no plano dos processos de textualização. Trata-se de um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem-compreendidos da relação oralidade-escrita. (MARCUSCHI, 2010, p. 46).*

Se comunicação é sentido e este se dá pela transmissão e compreensão plena das ideias entre enunciador e receptor, é possível o surgimento de uma dúvida: qual o motivo da preocupação sintática na escrita? Segundo Marcuschi (2010, p. 86), as “(...) escolhas sintáticas equivalem a escolhas semânticas”. Isso porque a sintaxe é o meio de padronização da língua e é por causa dessa base dada pelas regras que as escolhas lexicais e estruturais influenciam diretamente no sentido das orações: toda seleção de palavras, disposição de ordem e uso da pontuação têm um porquê, que é desencadeador de uma possível interpretação, a qual o autor se esforça para que seja a que ele deseja (sua intencionalidade).

*A este esforço estão subjacentes alguns critérios que direcionam o escritor/locutor na produção textual, para o entendimento do seu leitor/alocutor. (FERREIRA, 2008, p. 156).*

Quanto mais elaborado um texto é para determinado público, com as devidas adaptações lexicais e estruturais, melhor compreendido ele será.

A escrita, portanto, requer maior atenção, pois além da necessidade de adaptação ao gênero e ao(s) receptor(es) – assim como a oralidade também exige – deve-se considerar a ausência momentânea do(s) destinatário(s). Segundo Therezo (2008, p. 33), “O mundo da oralidade não é o mundo da escrita, embora esta tenha a fala como referência. A linguagem escrita supõe mais tempo, cuidado, escolha, lapidação e nítida preocupação com a clareza, uma vez que não há a presença do *outro (...)*”. Assim, para o processo de retextualização, na tentativa de manter algumas marcas orais na escrita, a fim de obedecer ao sentido original, a grafia se adapta com a ampliação lexical e descritiva, além de recursos como a pontuação.

## **1.2 Correção e revisão textuais**

“Corrigir redação supõe não apenas o exercício mecânico de apontar falhas gramaticais, mas o de tornar claro em que sentido essas falhas podem interferir na coerência e na coesão, comprometendo a clareza do texto” (THEREZO, 2008, p. 11).

Revisar um texto é um dos aspectos mais importantes para obter o sucesso na comunicação: a plena compreensão do sentido que o autor almeja. Para tanto, se o processo criativo vem do pensamento, com suas marcas orais e passa pelas adequações sintáticas, para manter a originalidade ideal, surge, agora, a terceira fase da escrita: a revisão/correção.

Portanto, ao refazer um texto, deve-se “buscar recursos gramaticais, lexicais, semânticos para recompor as frases, ordenar de modo adequado as ideias, desenvolvê-las a contento (...)” (THEREZO, 2008, p. 49). Esse trabalho pode ser individual ou auxiliado. O professor é um dos maiores – se não o maior – meio de compreender como os recursos sintáticos podem ser reorganizados para que a disposição de ideias obedeça à intencionalidade autoral. Dicas, apontamentos e revisões fazem parte do cotidiano do docente de línguas, bem como a constante troca com seus alunos, que quanto mais exercitam a redação, mais se adaptam à escrita permissora de aproximação: a boa escrita, possível de boa interpretação.

## 2 A PONTUAÇÃO

Segundo Marcuschi (2010, p. 17),

(...) a escrita não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, entre outros. Em contrapartida, a escrita apresenta elementos significativos próprios, ausentes na fala, tais como o tamanho e tipo de letras, cores e formatos, elementos pictóricos, que operam como gestos, mímica e prosódia graficamente representados.

A escrita carece de recursos orais como pausas, ritmo, gestos etc. Esses meios, por sua vez, auxiliam na construção de sentidos de um texto, pois contêm carga emocional, podem destacar termos importantes, separam informações distintas, enumeram elementos citados, permitem entender as devidas referências etc. Então, “Para suprir esta carência, ou melhor, para reconstruir aproximadamente o movimento vivo da elocução oral, serve-se da PONTUAÇÃO”. (CINTRA & CUNHA, 2007, p. 657).

A pontuação, portanto, permite aproximar a escrita à oralidade. Como já defendido, um texto, ao ser elaborado, passa por um processo de retextualização, pois primeiro é pensado em como seria falado e, depois, é efetivada a escrita, com as devidas adaptações que permitam que o destinatário ausente possa compreender a mensagem. Assim, o entendimento de tom de voz, pausas, ritmo e melodia também são permitidos, além de auxiliarem na construção de sentidos que o autor tem intenção de passar. De acordo com Marcuschi (2010, p. 78), o

(...) aparecimento de uma pontuação (quase espontânea) depende principalmente de fenômenos prosódicos, em especial a entoação. Ela é também um forte indício de interpretação (subjazendo-lhe sugestões de leitura que podem variar a depender dos indivíduos que retextualizaram).

Pontuar, porém, não se resume à marca oral; este ato também obedece às normas sintáticas, que têm ligações diretas com a semântica. Por exemplo, uma vírgula, se colocada ou não, pode alterar completamente uma oração, como ocorre em:

\_Hoje não, estou ocupada. (Entende-se que a interlocutora não poderá realizar alguma atividade solicitada, pois está ocupada);

\_Hoje não estou ocupada. (Entende-se que a interlocutora tem um dia livre).

Por isso, pensar em marcas orais é apenas o primeiro passo para uma boa pontuação. Para atingir, realmente, o sentido desejado, o processo é ampliado ao

nível sintático, reorganizado de maneira que ambiguidades sejam eliminadas e o texto se aproxime, o máximo possível, da intenção do autor.

A pontuação de um texto aparece concomitantemente no momento que vamos escrevendo; por isso, se não sabemos pontuar corretamente, logo não sabemos também expor nosso pensamento de maneira coerente na escrita. (FERREIRA, 2008, p. 151).

Em resumo, confiar apenas na oralidade não garante o uso adequado da pontuação, pois a fala é subjetiva e variável: cada pessoa tem sua forma de exprimir seus pensamentos. As normas, então, padronizam os recursos para que o autor tenha um leque de sentidos de livre escolha, mas que sirvam como meios de uma interpretação esperada.

O conhecimento das regras gramaticais sobre o uso dos sinais de pontuação é de suma importância, pois o ato de pontuar em si não foge às regras. Mas elas provêm do próprio ato de comunicação, ou seja, está na ligação entre o enunciador e o enunciatário. (FERREIRA, 2008, p. 163).

Portanto, pode-se definir o processo de pontuação como duplo: primeiramente, ele é influenciado pelas marcas da oralidade; posteriormente, obedece às normas gramaticais. Entretanto, todo o cuidado é voltado a uma intenção em comum, que é a garantia de sentido do texto, já que os “(...) sinais apontam e/ou organizam o sentido para quem escreve e promovem o sentido para quem lê o texto” (FERREIRA, 2008, p. 158), ou seja, são esses recursos gráficos que permitem tornar a escrita “audível”, possível de aproximação entre pessoas distantes, através de uma comunicação plena, bem executada e bem interpretada.

## 2.1 Afinal, o que é pontuação?

De acordo com Ferreira (2008, p. 156), “Pontuar é o esforço que o enunciador faz para adequar o discurso escrito para o outro/leitor”. A autora ainda defende que “(...) o papel da pontuação é atribuir sentido à língua escrita, e é por meio dela que o interlocutor consegue construir o sentido desejado pelo autor do texto”. (FERREIRA, 2008, p. 158).

Não se pode definir qual e como foi o surgimento da pontuação. Os povos antigos, ao introduzirem a escrita, tinham seus próprios alfabetos, cada qual com suas peculiaridades e características. Além disso, para cada cultura, certos aspectos eram mais marcantes que outros, para pontuar. Contudo, a necessidade de registrar pausas e entoações nos materiais redigidos que serviriam para uma oratória futura foi um passo fundamental ao desenvolvimento da pontuação. Assim, o exercício não



era padrão, pois variava de acordo com o modo como cada povo se expressava; mas a finalidade, a princípio, era a mesma. Com o decorrer do tempo, os métodos e regras se lapidaram gradativamente, assim como as línguas, movimento que até hoje é contínuo, pois caminha junto à evolução humana.

Conceituar a pontuação, atualmente, também gera adversidade entre os especialistas. Há quem defenda a pontuação como marca oral; há quem diga que são regras sintáticas. Ao analisar as afirmações, com base nos estudos de Villela (2005), pode-se concluir que existem características em comum nas teorias: os sinais podem exercer três funções, que são de expressão de sentimento, pensamento e emoção, marcados pelas reticências, ponto de exclamação e ponto de interrogação; a divisão da estrutura, que recorre ao ponto, dois-pontos, vírgula e ponto-e-vírgula; e os que servem de referência, como as aspas, os parênteses, o traço e o travessão. Para alguns autores, ainda, o uso de recursos gráficos como o itálico, o negrito, as maiúsculas e o espaçamento do parágrafo também podem ser responsáveis por aspectos significativos no texto.

Com a distinção de conceitos entre os estudiosos sobre as funções dos sinais, a oralidade se tornou insuficiente como forma de indicar o uso da pontuação. Assim, a sintaxe atua como padronizadora, de forma a não criar ambiguidade e controversas na hora de pontuar um texto.

Segundo Villela (2005), há quatro fundamentos que norteiam o uso da pontuação, que são: a reconstituição da oralidade, os aspectos sintático-semânticos, a leitura, a estilística, além de um quinto ponto, que envolve perspectivas variadas.

Quando analisada a reconstituição da oralidade, Villela (2005, p. 191) defende a “(...) linguagem como espelho do pensamento (...)”. Assim, a pontuação surge para suprir a carência das marcas sonoras e gestuais na representação gráfica. Tal aspecto se dá por meio da vírgula, que indica breve pausa; do ponto-e-vírgula, para pausas mais acentuadas; dois-pontos, dedicados à pausa entoada com indicação de que ainda haverá um complemento; ponto, que marca a pausa geral, pois haverá mudança de foco; interrogação, que entoa perguntas; exclamação, voltada a tons de voz fortes; e parênteses (bem como aspas e travessões), que indicam pensamentos e exigem um tom de voz mais baixo.

Os aspectos sintático-semânticos, por sua vez, são construídos por meio de uma organização de ideias que devem ser bem pontuadas para que não haja ambiguidade e contradição. Por isso, a “existência de regras a serem seguidas para

que a linguagem reflita a organização lógica do pensamento”. (VILLELA, 2005, p. 192). Assim, a escrita ainda segue linhas de pensamento, que são moldadas no campo da oralidade; mas, agora, atrelada ao sentido que tal raciocínio pretende passar, a escrita é padronizada às normas sintáticas, a fim de manter as ideias originais do autor em seu material.

Para a leitura, a pontuação se faz essencial à compreensão. Por isso, é voltada ao leitor, que se baseia nas marcas orais e de referenciação grafadas pelos sinais, para entender o conteúdo do texto. A função, então, passa a ser a orientação interpretativa dada ao destinatário.

A pontuação, na estilística, serve para marcar o envolvimento afetivo, os sentimentos e as emoções do autor no texto. Por exemplo, reticências podem marcar incertezas, enquanto exclamações indicariam surpresas e parênteses, devaneios ou lembranças.

As várias perspectivas, então, envolvem as quatro funções acima citadas, quando, em um texto, entrelaçam-se. A pontuação, realmente, envolve todos os aspectos, pois, na escrita, a intenção do autor é deixar clara a sua mensagem. Para tanto, elabora o texto em seu pensamento, como se fosse oral e, ao transcrever, atenta-se tanto às pausas e entoações que deseja dar, quanto ao sentido que pretende transmitir. Por isso, é necessário adequar a pontuação aos aspectos sintáticos, para que a interpretação seja possível aos leitores, que não estão presentes durante a elaboração, logo, uma boa referenciação e estruturação de texto, para a compreensão, são aspectos indispensáveis.

De maneira geral, a pontuação é um dos recursos textuais que mais influencia na constituição de sentido, pois os quatro aspectos citados têm carga interpretativa. Segundo Villela (2005, p. 197), “Na leitura, a construção de sentidos se dá com base em dados explícitos, implícitos e metaplícitos”. Esses dados são explícitos quando a frase representa exatamente o que está escrito; implícitos, à medida que as pistas abram o leque interpretativo; e metaplícitos, quando se referem a aspectos do próprio texto (subordinação). Todos esses casos necessitam de uma boa pontuação para a obtenção de sucesso, já que os sinais gráficos organizam as ideias, separam, permitem a correta referenciação, além da garantia de continuidade, progressão e coesão textuais. Segundo Therezo (2008, p. 47), “(...) a falta de coesão impede a coerência interna. Parágrafos longos, compostos de períodos sem pontuação; frases fragmentadas, em que subordinadas são colocadas entre dois pontos finais (...)”

impedem a articulação de argumentos”, logo, podem causar desordem textual e abertura a interpretações distintas ao sentido que o autor realmente desejava. Por isso, pode-se resumir que uma boa pontuação não diz respeito somente a normas, mas à exposição de ideias, posicionamento, criação, dentre tantos outros fatores que norteiam a experiência da escrita, que é ampla e complexa, mas permissora de expansão de horizontes.

## 2.2 A BNCC e a Pontuação

A Base Nacional Comum Curricular determina como competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental a compreensão dos sentidos do texto, bem como a capacidade de transmitir a mensagem que o autor deseja em uma produção. Assim, na tentativa de entender e se fazer entender, o uso adequado dos recursos sintáticos são indispensáveis para uma leitura ou redação. A pontuação, por sua vez, é permissora de mudanças severas na estrutura semântica e, por isso, deve ser dominada para não causar contradições.

A BNCC, ao descrever o tratamento das práticas de produção de textos, aponta certas reflexões que justificam a importância da pontuação em uma redação, como a construção da textualidade, que depende dos fatores que organizam a lógica de ideias e permitem a continuidade e progressão temáticas, além dos aspectos notacionais e gramaticais, que dizem respeito a

Utilizar, ao produzir textos, os conhecimentos dos aspectos notacionais – ortografia padrão, pontuação adequada, mecanismos de concordância nominal e verbal, regência verbal etc., sempre que o contexto exigir o uso da norma-padrão. (BRASIL, 2017, p. 76).

No eixo da Análise Linguística/Semântica, o documento apresenta a correlação entre os aspectos estruturais e de sentido do texto. Por isso, a proposta é que a gramática seja uma prática de reflexão, logo, ela deve ser exercitada diante de situações de compreensão textual, sob a intenção de que o próprio aluno perceba que cada recurso linguístico tem sua função de sentido, que leva o leitor a dar possíveis interpretações, de acordo com seu uso - caso que pode acontecer com apenas uma vírgula, por exemplo. Portanto, a BNCC sugere que, ao tratar dos elementos notacionais da escrita, deve-se:

Conhecer as diferentes funções e perceber os efeitos de sentidos provocados nos textos pelo uso de sinais de pontuação (ponto final, ponto de interrogação, ponto de exclamação, vírgula, ponto e vírgula, dois pontos)

e de pontuação e sinalização dos diálogos (dois pontos, travessão, verbos de dizer). (BRASIL, 2017, p. 81).

O documento sugere que os aspectos estruturais da língua, como a pontuação, sejam tratados em articulação aos demais eixos (oralidade, leitura e escrita). Dessa forma, evidencia-se a prática de linguagem que é desenvolvida em determinado momento da aula, de modo com que os elementos estruturais sejam “propiciadores de reflexão a respeito do funcionamento da língua no contexto dessas práticas” (BRASIL, 2017, p. 137). Além disso, esses conhecimentos são considerados transversais, visto que constroem o alicerce da comunicação e devem ser trabalhados em toda a vida escolar do aluno, sempre em progressão de avanço e aprofundamento de conteúdo, do mais simples ao mais complexo.

O documento, ainda, dispõe de algumas habilidades esperadas nos alunos, as quais dizem respeito ao domínio dos recursos linguísticos, como a EF08LP04, que se objetiva em

Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: ortografia, regências e concordâncias nominal e verbal, modos e tempos verbais, pontuação etc. (BRASIL, 2017, p. 185).

Habilidades de transmissão de sentido pretendido, através de uma estrutura adequada, também são defendidas no documento, como a EF09LP11, que pretende “Inferir efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos de coesão sequencial (conjunções e articuladores textuais)” (BRASIL, 2017, p. 189) ou a EF08LP16, que tem como pretensão

Explicar os efeitos de sentido do uso, em textos, de estratégias de modalização e argumentatividade (sinais de pontuação, adjetivos, substantivos, expressões de grau, verbos e perífrases verbais, advérbios etc.). (BRASIL, 2017, p. 189).

Enfim, espera-se dos alunos o bom uso dos recursos linguísticos e estruturais para que suas ideias sejam totalmente compreendidas em suas produções textuais. A formação de cidadãos críticos está completamente vinculada à disseminação de argumentos e reflexões, através da comunicação, e é este o maior objetivo do ensino: o preparo para a atuação ativa dos jovens na sociedade. Assim, expor seus olhares e seus apontamentos, bem como criar histórias e narrativas são aspectos que auxiliam no desenvolvimento cognitivo do estudante, além da concretização de papel social, quando as redações realmente atingem o público esperado.

### **2.3 A Vírgula**

A vírgula é um dos sinais que mais é utilizado durante a escrita de um texto. Em síntese, ela serve para separar termos e orações. Por isso, é muito confundida com o ponto final, além de causar confusão sobre quais expressões devem, realmente, contar com esta pontuação. Assim, muitas vezes, é possível encontrar redações sem vírgulas nos locais adequados, como, também, o contrário: vírgulas onde não deveriam estar grafadas, equívocos que são causados pelas marcas de oralidade, afinal, a maioria das pessoas aprende que a vírgula indica uma pausa na fala.

Segundo Nogueira (2004), “(...) uma vírgula esquecida ou mal usada afeta o sentido da frase”. O professor também afirma que o uso da vírgula como marca de uma pausa é aceitável, porém não deve ser a regra guia para a escrita, afinal, a oralidade é um fator subjetivo, logo, as pausas podem variar de pessoa para pessoa. Ele conclui que “(...) o mais difícil está no fato de a maioria das regras não ser rígida” e que, muitas vezes, “(...) o professor é obrigado a responder: ‘depende do sentido’ ou ‘é facultativo’ ou ‘pode usar mas não é obrigatório’ (...)”.

### **2.3.1 Quando vírgula sempre é usada**

- Para separar enumerações, ou seja, as “listas” de substantivos ou adjetivos referentes a um mesmo assunto;
- Para separar termos e orações independentes, mesmo se houver a conjunção “e”, pois, neste caso, os sujeitos serão diferentes;
- Antes de conjunções adversativas e conclusivas, assim, as orações coordenadas serão separadas, afinal, são independentes. As conjunções, também, devem ficar isoladas quando estão deslocadas. Vale-se ressaltar que “pois”, quando tem valor conclusivo, deve ficar entre vírgulas. A conjunção “e”, por sua vez, quando precedida por vírgula, ganha valor adversativo, por isso, é muito importante analisar a intenção da oração neste caso para que o emprego da pontuação seja correto: sem vírgula, é adição; com vírgula, é sentido adverso;
- Quando a oração adverbial ou a oração reduzida estiverem deslocadas;

- Quando o adjunto adverbial estiver deslocado, ou seja, em começo ou meio de frase. Entretanto, há certa flexibilização desta regra, pois “a vírgula pode ser omitida, principalmente em frases curtas e com adjuntos pequenos” (NOGUEIRA, 2004, p. 18);
- Quando a oração adjetiva ou o aposto são explicativos;
- Para separar um vocativo, ou seja, o nome pelo qual é chamado;
- Para isolar incisos explicativos, retificativos ou continuativos, como o “por exemplo”, “isto é”, “aliás”, “além disso” etc;
- Para separar orações intercaladas;
- Para separar termos em geral que estejam deslocados;
- Em casos de pleonasma (repetição de conteúdo) ou anacoluto (inversão brusca);
- Para separar a localidade nas datas.

### **2.3.2 Quando a vírgula nunca é usada**

- Antes da conjunção aditiva “e”, caso contrário, ela assumirá valor adversativo. Além disso, quando o “e” é um conectivo em fim de enumeração, a vírgula é dispensável;
- Antes do conectivo “ou”, que é uma conjunção alternativa;
- Para separar orações adjetivas restritivas, caso contrário, o sentido será explicativo;
- Para separar sujeito e verbo, caso contrário, o sujeito poderá assumir papel de aposto;
- Para separar verbo e complemento;
- Para separar a oração principal da objetiva quando dispostas na estrutura natural.

### **2.3.3 Quando o uso é facultativo**

- Quando o conectivo “e” assumir sentido consecutivo ou estiver presente para enfatizar, caso em que costuma haver muita repetição e é usado, principalmente, em linguagem poética;

- Quando a conjunção “pois” tem sentido explicativo ou causal;
- Para separar a oração principal da oração subordinada adverbial, quando a estrutura estiver em sua ordem natural. Se houver deslocamento, o uso da vírgula se torna obrigatório;
- Para marcar a omissão de um verbo já escrito anteriormente, ou seja, em casos de zeugma.

### 3 ANÁLISES

O contexto da escola da qual as redações foram selecionadas é urbano e de ensino público. É uma instituição municipal de Piracaia (SP), que abrange desde o Maternal até o Ensino Fundamental II. Os alunos que tiveram suas redações analisadas pertencem à única turma de 9º ano da escola, que é do período matutino. Eles têm entre 14 e 15 anos de idade e são de famílias de classe média-baixa, que vivem em bairros centrais de um município interiorano.

O primeiro passo foi a coleta de redações da classe de 9º ano, para que fosse possível identificar quais eram as falhas mais recorrentes entre os estudantes em seus textos. Ao perceber que os erros de pontuação eram muito presentes e que acarretavam diretamente no sentido pelo qual o leitor interpretaria, foram, então, filtradas e selecionadas duas redações que evidenciassem profundamente essas características.

Com o material em mãos, a revisão bibliográfica foi direcionada à área gramatical e semântica, além da análise dos princípios educacionais que a prática de elaboração de texto traz aos estudantes.

As análises das redações selecionadas, então, foram feitas com base na fundamentação teórica estudada. Cada equívoco de pontuação foi identificado e comentado, principalmente quando a falha transcendia a gramática e acarretava no sentido do texto.

#### 3.1 Redação 01

##### A Separação

A cada ano que se passa, novas coisas vão acontecendo este ano a sala da 9ª série, que estava junta a muito tempo irá se separar.

Cada um irá para um lado, alguns continuaram juntos outros se separaram, mas com certeza as amizades não acabarão. E quem é que vai se esquecer de todas as festa, de todos os casos os passeios. Isso todos levarão dentro do coração todos irão se separar irão se esquecer mas todos lembraram de tudo que aconteceu na escola, este é o último ano se preparando para o 1º colegial mas temos ainda a nossa formatura antes de sair dessa sala estamos nos preparando para fechar com chave de ouro e assim terminar o nosso ano. E começar uma nova história novos



amigos novos materiais novas conquistas até chegar no 3º colegial e começar minha vida.

### 3.1.1 Análise da Pontuação

“(...) novas coisas vão acontecendo este ano (...)”

A falta do ponto final entre “acontecendo” e “este” faz com que “este” assuma o papel complementar à oração anterior, mas, na verdade, o termo introduz uma nova oração.

“(...) a sala da 9ª série, que estava junta a muito tempo irá se separar.”

A oração subordinada “que estava junta *há* muito tempo” é adjetiva explicativa e, por isso, deveria estar entre vírgulas. Assim, “irá se separar” se enquadraria como o predicado do sujeito “a sala da 9ª série”. Entretanto, devido à falta de vírgula, “irá se separar” passa a completar o termo “tempo”, que assume o papel de sujeito.

“(...) mas com certeza as amizades (...)”

O termo “com certeza” deveria estar isolado por vírgulas, pois é um adjunto adverbial de afirmação que está deslocado de sua posição natural (fim de oração).

“E quem é que vai se esquecer de todas as festa, de todos os casos os passeios.”

Esse trecho se trata de uma pergunta retórica. Por isso, seria necessário o uso do ponto de interrogação ou, caso a intenção fosse causar uma abertura interpretativa, as reticências seriam ideais. O ponto final, portanto, não é coerente.

“(...) dentro do coração todos irão se separar (...)”

“Todos” introduz uma nova oração. Logo, a falta do ponto final faz com que o termo complete a oração anterior.

“(...) todos irão se separar irão se esquecer (...)”

Deveria haver uma vírgula para separar os itens enumerados, que são as ações que acontecerão a todos (separar e esquecer).

“(...) esquecer mas todos lembraram (...)”

Deveria haver uma vírgula ou um ponto final para preceder o termo “mas”, pois ele introduz uma oração coordenada sindética adversativa.

“(...) tudo que aconteceu na escola, este é o último ano (...)”

A vírgula no lugar do ponto final – e, possivelmente, parágrafo- faz com que a ideia seja contínua; entretanto, trata-se de uma nova oração (e de um novo assunto, logo, um parágrafo deveria ser introduzido).

“(...) para o 1º colegial mas temos ainda (...)”

É necessário o uso de vírgula ou ponto final para introduzir a oração coordenada sindética adversativa, marcada pela conjunção “mas”.

“(...) antes de sair dessa sala estamos nos preparando (...)”

A falta de ponto final dá ideia de continuidade, mas “estamos” introduz uma nova oração.

“(...) terminar o nosso ano. E começar uma nova história novos amigos novos materiais novas conquistas (...)”

O uso do ponto final e da conjunção “e” foi inadequado, pois se trata de uma enumeração que não fora finalizada naquela parte da oração. Além disso, a falta de vírgula entre os itens listados acarreta na forma oral com que o leitor receberá o

texto. Na mente do aluno, as devidas pausas foram dadas, porém ele não as representou graficamente, o que causa uma leitura ininterrupta e confusa.

“(...) novas conquistas até chegar no 3º colegial e começar minha vida.”

O termo “até” deveria ser precedido por vírgula, reticências ou ponto-e-vírgula, pois redireciona o foco da oração. Até então, o autor apenas listava itens, depois fez uma marcação temporal.

### 3.1.2 Redação corrigida

#### A Separação

A cada ano que passa, novas coisas vão acontecendo. Este ano, a sala da 9ª série, que estava junta há muito tempo, irá se separar.

Cada um irá para um lado, alguns continuarão juntos e outros se separarão, mas, com certeza, as amizades não acabarão. E quem é que vai se esquecer de todas as festas, de todos os casos e dos passeios? Isso todos levarão dentro do coração. Todos irão se separar, **irão se esquecer, mas todos se lembrarão\*** de tudo o que aconteceu na escola.

Este é o último ano em que estamos nos preparando para o 1º colegial, mas temos ainda a nossa formatura antes de sair dessa sala. Estamos nos preparando para fechar com **chave de ouro\*\*** e assim terminar o nosso ano, começar uma nova história, com novos amigos, novos materiais e novas conquistas; até chegarmos ao 3º colegial e começarmos nossas vidas.

\*Caberia ao professor perguntar ao aluno o que ele realmente quis dizer, pois a estrutura contraditória não permite entender exatamente qual é o sentido que o autor quis adotar.

\*\*Expressão de oralidade. É ideal a sugestão de um termo equivalente, mas apropriado ao texto escrito.

## 3.2 Redação 02

### O Tempo

Era, mais uma primavera, estávamos todos felizes. De certo modo tudo estava nos planos iremos a casa de minha vó, era uma viagem meio longa mas todos estavam acostumados com o caminho.

Eu estava ansioso com a viagem, pois lá na casa da minha vó eu podia brincar nas árvores nós balanços e matava a saudade da minha vó

-menino já pegou suas coisas

-já mãe, estou indo

Estávamos de saída pois meu pai não queria pegar trânsito no meio do caminho. Então eu, minha mãe e meu pai pegamos nossas coisas e começamos a viagem, tudo estava normal e não esquecemos nada meu pai abasteceu o carro e minha mãe como sempre colocou as músicas dela no carro, agente não gostava muito daquelas músicas mas ninguém falava nada.

A viagem estava indo bem até acontecer o que meu pai mais tinha medo numa viagem o trânsito. Passou se alguns minutos, horas, dias, e aquele engarrafamento não acabava. Eu já estava casado e pensando como séria aqueles dias na casa da minha vó, quando não aquentava mais aquele tédio resolvi dormir no carro e assim fiz.

Acordei na casa da minha vó estava feliz por te chegado foi dar um abraço na minha vó e nisso olhei no relógio vi que era 11:00 da manhã então pensei se eu saí de casa às 9:30 só tinha se passado uma hora e meia um recorde pois a viagem nunca foi tão rápida. Foi brincar pensando naquilo e brinquei nós balanços nas árvores em tudo parecia que aquele dia não teria fim e cada brincadeira eu me sentia mais feliz que outra até

-filho vem que já vai anoitecer

Pensei que ela brincando pois tínhamos acabado de chegar mas foi para dentro de casa nisso novamente olhei no relógio e me assustei pois eram 17:45 da trade e tive que parar de brincar e fiquei meio triste mas logo lembrei que iria ficar mais alguns dias.

### 3.2.1 Análise da Pontuação

“Era, mais uma primavera (...)”

O verbo não deve ser separado de seu complemento, no caso, predicativo, logo, o uso da vírgula depois de “era” é inadequado.

“De certo modo tudo estava nos planos (...)”

O adjunto adverbial de modo “de certo modo”, como está em começo de oração, deveria ser isolado por vírgula.

“(...) tudo estava nos planos iremos a casa de minha vó (...)”

Depois de “planos”, seria ideal o uso de vírgula ou de dois-pontos, pois o aluno quis especificar qual é o plano.

“(...) viagem meio longa mas todos estavam acostumados (...)”

“Mas” introduz uma oração coordenada sindética adversativa, logo, deveria ser precedido por vírgula.

“(...) lá na casa da minha vó eu podia brincar (...)”

“Na casa da minha vó” é um adjunto adverbial de lugar e, como está no meio da oração, deveria ser isolado por vírgulas.

“(...) nas árvores nós balanços (...)”

Os itens enumerados “árvores” e “balanços” deveriam ser separados por vírgula (ou pela conjunção “e”).

“(...) saudade da minha vó”

Faltou um ponto final no fim da oração.

“-menino já pegou suas coisas”

É possível identificar a fala pelo uso do travessão, entretanto, seria ideal um indicativo de quem a disse –no caso, a mãe do garoto- e o uso de dois-pontos. Por exemplo: “então, minha mãe perguntou:”.

“Menino” deveria ser isolado por vírgula, pois é um vocativo. Sem a pontuação, porém, assume o papel de sujeito.

A oração é uma pergunta, logo, deveria ser encerrada por um ponto de interrogação. Devido a essa falha e o papel de sujeito que “menino” assumiu em decorrência da falta de vírgula, a fala, que seria um questionamento da mãe ao filho, tornou-se uma afirmativa de que o menino já havia pegado suas coisas.

“-já mãe, estou indo”

O termo “mãe” é um vocativo e, por isso, deveria ser isolado por vírgulas.

Faltou pontuação para encerrar a oração. Poderia ser ponto final ou, por se tratar de uma fala com empolgação, ponto de exclamação.

“Estávamos de saída pois meu pai (...)”

O termo “pois” introduz uma oração coordenada sindética explicativa. Por isso, deveria ser precedido por vírgula.

“(...) começamos a viagem, tudo estava normal (...)”

Ao invés de vírgula, deveria ser utilizado o ponto final. Da forma como foi apresentada a estrutura, “tudo” funciona como complemento de “viagem”.

“(...) não esquecemos nada meu pai abasteceu (...)”

Após “esquecemos”, deveria ser utilizado o ponto final. É possível interpretar, da forma como está, que a família não se esqueceu do pai. Contudo, trata-se de uma nova oração.

“(...) minha mãe como sempre colocou (...)”

“Como sempre” é adjunto adverbial de modo e deveria ser isolado por vírgulas.

“(...) as músicas dela no carro, agente não gostava muito (...)”

O ponto final seria uma opção mais viável do que a vírgula, pois há mudança de foco entre as orações.

“(...) agente não gostava muito daquelas músicas mas ninguém falava nada.”

A conjunção “mas” introduz uma oração coordenada sindética adversativa e, por isso, deveria ser precedida por vírgula.

“A viagem estava indo bem até (...)”

Da forma como a oração foi estruturada, “até” complementa a ideia de que a viagem ia bem. A falta de vírgula indica que era uma viagem boa, porém não perfeita. Entretanto, o aluno quis dizer que ela foi excelente por um tempo, mas interrompida pelo trânsito.

“(...) o que meu pai mais tinha medo numa viagem o trânsito.”

Seria ideal o uso de dois pontos para expor o medo de seu pai e, também, o uso de exclamação no fim da oração para enfatizar.

“(...) aqueles dias na casa da minha vó, quando não aquentava mais aquele tédio resolvi dormir no carro (...)”

Seria ideal o uso do ponto final. Como o aluno optou por vírgula, o termo “quando” passou a se referir ao tempo na casa de sua vó. Entretanto, “quando” está relacionado ao tempo no carro.

“Quando não *aguentava* mais aquele tédio” é uma oração subordinada adverbial temporal e deveria ser separada por vírgula.

“Acordei na casa da minha vó estava feliz (...)”

A falta de pontuação tornou a oração ambígua, pois não se sabe se quem estava feliz era o garoto ou a avó. A fim de eliminar esta dúvida ao leitor, seria ideal o uso da vírgula ou do ponto final antes do verbo, além de uma indicação através de pronome, pois certificaria de quem era o sentimento.

“(...) chegado foi dar um abraço na minha vó e nisso olhei (...)”

Novamente, é gerada a dúvida de quem foi dar o abraço na avó devido à falta de pontuação e à conjugação verbal. A vírgula garantiria a sequência dos fatos e, com a conjugação do ver “ir” na primeira pessoa, não causaria ambiguidade na interpretação.

“(...) que era 11:00 da manhã então pensei se eu saí de casa às 9:30 só tinha se passado uma hora e meia um recorde pois a viagem nunca foi tão rápida. (...)”

“Então” introduz uma nova oração, por isso, seria necessário um ponto final depois de “manhã”. Além disso, “então” é uma conjunção final que exige o isolamento por vírgula, logo, a oração seria estruturada em: “(...) manhã. Então, pensei (...)”.

Após “pensei”, seria ideal o uso de dois pontos ou vírgula para indicar a ideia que o narrador teve. Além disso, “se eu saí de casa às 9h30” é uma oração subordinada adverbial condicional, logo, deveria ser isolada por vírgulas.

“Um recorde” poderia ser isolado por vírgula, pois indica o que o passar daquele tempo representa, mas há uma quebra sintática quando não há pontuação.



Além disso, “pois” introduz uma oração coordenada sindética explicativa, então deveria haver uma vírgula para separar.

“(...) brinquei nós balanços nas árvores em tudo (...)”

Os itens enumerados deveriam ser separados por vírgula.

“(...) em tudo parecia que aquele dia não teria fim (...)”

A nova oração introduzida por “parecia” deveria ser separada por pontuação.

“(...) eu me sentia mais feliz que outra até (...)”

A palavra “até”, sem pontuação, assume a função de um modalizador e passa a significar uma comparação com outras vezes, de modo com que a brincadeira atual não seja tão boa quanto as anteriores. Seria ideal separar o termo por pontuação e complementar a ideia de que uma fala será introduzida, como por exemplo: "até que minha mãe disse:".

“-filho vem que já vai anoitecer”

A falta de pontuação faz com que “filho” assuma o papel de sujeito da oração. Entretanto, é um vocativo e, por isso, deveria ser isolado por vírgula.

“(...) que já vai anoitecer” é uma oração coordenada sindética explicativa, por isso, deveria ser separada por vírgula.

Deveria, também, haver pontuação no fim da fala (ponto final ou exclamação, para maior ênfase).

“(...) brincando pois tínhamos acabado de chegar (...)”

“Pois” introduz uma oração subordinada adverbial causal, que deveria ser separada por vírgula.

“(...) acabado de chegar mas foi para dentro de casa (...)”

“Mas” introduz uma oração coordenada sindética adversativa, que deveria ser separada por vírgula.

“(...) dentro de casa nisso novamente olhei no relógio (...)”

Marca de oralidade presente em “nisso”. Contudo, seria ideal introduzir o assunto com uma nova oração, separada por ponto final.

“Novamente”, como é adjunto adverbial de modo, deveria ser isolado por vírgulas.

“(...) me assustei pois eram 17:45 (...)”

A oração coordenada sindética explicativa introduzida por “pois” deveria ser separada por vírgula.

“(...) e tive que parar de brincar e fiquei meio triste (...)”

Para evitar a repetição da conjunção “e”, seria ideal separar os itens enumerados por vírgula. Outra opção seria um ponto final e uma oração iniciada por “fiquei meio triste”.

“(...) fiquei meio triste mas logo lembrei (...)”

“Mas” indica uma oração coordenada sindética adversativa e, por isso, deveria ser separada por vírgula.

### 3.2.2 Redação corrigida

O Tempo

Era mais uma primavera, estávamos todos felizes. De certo modo, tudo estava nos planos: irmos à casa de minha vó. Era uma viagem meio longa, mas todos nós estávamos acostumados com o caminho.

Eu estava ansioso com a viagem, pois lá, na casa de minha vó, eu podia brincar nas árvores, nos balanços e matava a saudade dela. Durante a arrumação, minha mãe me perguntou:

\_Menino, já pegou suas coisas?

\_Já, mãe, estou indo!

Estávamos de saída, pois meu pai não queria pegar trânsito no meio do caminho. Então, eu, minha mãe e meu pai pegamos nossas coisas e começamos a viagem. Tudo estava normal e não esquecemos nada. Meu pai abasteceu o carro e minha mãe, como sempre, colocou suas músicas. A gente não gostava muito daquelas músicas, mas ninguém falava nada.

A viagem estava indo bem, até acontecer o que meu pai mais tinha medo: o trânsito. Passaram-se alguns minutos, horas, dias, e aquele engarrafamento não acabava. Eu já estava casado e pensando em como seriam aqueles dias na casa da minha vó. Quando já não aguentava mais aquele tédio, resolvi dormir no carro e assim fiz.

Acordei na casa da minha vó. Eu estava feliz por termos chegado e fui dar um abraço nela. Nisso, olhei no relógio e vi que eram 11h00 da manhã. Então, pensei, se eu saí de casa às 9h30, só tinha se passado uma hora e meia: um recorde, pois a viagem nunca foi tão rápida! Fui brincar pensando naquilo e me diverti nos balanços, nas árvores, em tudo. Parecia que aquele dia não teria fim e, a cada brincadeira, eu me sentia mais feliz. Até que minha mãe me disse:

\_Filho, venha, que já vai anoitecer!

Pensei que ela estava brincando, pois tínhamos acabado de chegar, mas fui para dentro de casa, olhei novamente o relógio e me assustei, pois eram 17h45 da tarde e tive que parar de brincar. Fiquei meio triste, mas logo lembrei que iria ficar mais alguns dias.

## CONCLUSÃO

As redações apresentadas possuem falhas gramaticais como pontuação, ortografia e concordância, além de estruturas ambíguas e clara dificuldade de expressão de ideias. As análises se restringiram à pontuação, pois foram equívocos recorrentes e que acarretaram distorções semânticas nas produções. Entretanto, sob uma perspectiva geral, o modo como os textos foi elaborado é preocupante, pois são de alunos prestes a ingressarem no Ensino Médio, mas que ainda não dominam a norma culta da língua portuguesa.

É fato que toda forma de oralidade deve ser respeitada e não cabe ao professor a tentativa de alteração, pois ela é subjetiva e fruto das diversas culturas que compõem o Brasil. Porém, o docente de Língua Portuguesa deve integrar novas formas de comunicação a seus alunos para que eles possam interagir em meios diferentes aos quais pertencem. Esse é o primeiro passo da globalização. Através do uso de linguagens que contemplem diversos contextos, é possível interagir em meios distintos, ampliar horizontes e socializar com diferentes culturas. Por isso, o trabalho com a norma culta é tão importante: ela não deve ser imposta como a única correta, mas é por meio dela que outras pessoas poderão compreender o ponto de vista de seus autores em momentos distintos, através do texto escrito.

Para que a aprendizagem seja efetiva, porém, não adianta exigir a memorização de todas as regras pelos estudantes. Os alunos devem ser contextualizados sobre o motivo pelo qual cada norma se aplica e a importância de escrever um texto compreensível a todos. A BNCC defende um ensino condizente às diversas realidades brasileiras. Então, é necessário que o professor tenha pleno conhecimento sobre a comunidade em que a escola está inserida, os costumes e objetivos gerais da população estudantil para que, a partir dessas informações, possa conduzir suas aulas. Além disso, é imprescindível expor aos estudantes por que devem ter domínio da escrita, pois a expressão de ideias é o meio que permite a cidadania ativa e a conquista de espaço na sociedade, de acordo com seus costumes e opiniões. Enfim, o compartilhamento de ideias é um exercício que deve ser trabalhado desde o princípio da vida escolar e, para que ele atinja o público geral do país, necessita de uma escrita padronizada, para que todos possam compreender o conteúdo transmitido.

O desafio do professor de Língua Portuguesa, ao explicar sobre pontuação e manter o ensino contextualizado, é fazer com que o aluno entenda a importância do uso correto dos sinais. Para isso, então, é necessário expor como os equívocos podem alterar o sentido do texto. Assim, será facilitada a compreensão de que, para que suas ideias sejam plenamente entendidas por qualquer leitor, elas devem ser bem elaboradas e transcritas adequadamente. Portanto, o corpo docente deve enfatizar que é natural que a fala varie de acordo com contexto e situação, entretanto, a escrita é mais fechada, pois tem como finalidade atingir públicos diversos e, para isso, segue normas que permitem a compreensão geral.

Por meio das redações analisadas, a hipótese de que pontuação altera o campo semântico se consolida. Nas produções, é possível perceber como uma vírgula mal colocada pode causar ambiguidade ou mudar o termo ao qual o complemento se refere. Sujeitos viraram apostos, perguntas se tornaram afirmativas, períodos compostos não foram separados, entre outros equívocos que fizeram com que o leitor compreendesse os textos de maneira distinta da qual os autores tinham intenção. Por isso, o uso da norma padrão é inevitável nesses casos: ela permite uma interpretação global. Assim, para divulgações científicas, dissertações argumentativas ou compartilhamento de informações, as regras devem ser respeitadas, pois é de interesse do escritor transmitir a mensagem por completa.

Um dos maiores problemas da educação brasileira é a falta de reconhecimento das diferenças. Muitos professores acreditam que apenas o conteúdo de sua aula é o aceitável para a vida em grupo. Entretanto, num país de riqueza cultural tão grande e variada, é necessário que todos os costumes sejam respeitados em sua originalidade. Assim, ao se tratar de linguagem, que é um dos aspectos que mais se altera de uma região a outra, não é função do corpo docente a tentativa de mudança na fala do aluno; mas a agregação de novas maneiras de se comunicar, a fim de que possa ampliar seu leque de socialização. Se a finalidade da escola é promover a cidadania ativa aos estudantes e lhes dar condições de inserção nos diversos meios, nada melhor do que permitir que se expressem e sejam compreendidos. Assim, os jovens poderão expandir suas ideias e levá-las além de suas comunidades. É um exercício de posicionamento, inclusão e empoderamento que deve ter seu início na escola e ser levado durante toda a vida.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CINTRA, Lindley; CUNHA Celso. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4.ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e Textualidade**. 3.ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 2006.

FERREIRA, Ariadna dos Reis Araújo. Os “sinais de pontuação” são marcas constitutivas do sentido? **Revista de Estudos Linguísticos e Literários**, Patos de Minas: UNIPAM, v. 1, n. 1, p. 151-164. 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

NOGUEIRA, Sérgio. **Português sem complicação: regras, dicas e respostas comentadas**. Coleção Aula Extra: Volume VII: Pontuação. Rio de Janeiro: Globo, 2004.

THEREZO, Graciema Pires. **Como corrigir redação**. 6.ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008.

VILLELA, Ana Maria Nápoles. Qual o papel da pontuação na representação da língua? **Scripita**, Belo Horizonte, v. 8, n. 16, p. 184-200. 1º sem. 2005.